

# Envolvimento com a Universidade



## **Fundamentos teológicos para o nosso envolvimento com a universidade.**

Há duas ações de Deus que guiam o nosso envolvimento com a vida em geral e que representam duas faces da história: a criação e a redenção. Todos nós nos debatemos com uma certa contradição entre dois factos. Por um lado, o facto de que Deus criou o mundo, que significa que muito do que experimentamos neste mundo é bom (o que comemos, as pessoas que amamos, as coisas boas de que podemos desfrutar). Isto porque Deus criou o mundo, e ele disse que tudo o que ele criou era muito bom (Génesis 1:31). Mas por outro lado, sabemos que o mundo bom que Deus criou está estragado, manchado e caído por causa do pecado; e por isso Deus não apenas criou o mundo, mas ele também veio redimir o mundo em Jesus Cristo. Na cruz, Jesus venceu todos os poderes que mantinham a criação em trevas (incluindo o diabo, o pecado e a morte) — e essa libertação inclui a humanidade, parte integrante da criação.

Esta tensão entre a criação e a redenção traduz-se em dificuldades práticas, por exemplo: quando conhecemos um colega na universidade, estamos diante de uma pessoa que foi criada à imagem de Deus, ou de um pecador maligno que nos quer tentar a seguir caminhos que não os de Deus? Essa contradição está também patente em perguntas como “é melhor orar ou dormir?”. É bom orar, mas dormir é fundamental para nós, como criaturas criadas também para descansar. Temos então um problema, que é não conseguirmos muitas vezes viver nesta tensão e cairmos para um dos dois extremos: enfatizar demasiado a dimensão da criação e ignorar a dimensão da redenção, ou vice versa.

O que significa isto relativamente ao nosso envolvimento na universidade? É importante notar que a própria Bíblia reflete esta tensão: há livros da Bíblia muito mais focados na redenção, como a carta de Paulo aos Romanos ou os profetas do Velho Testamento — que denunciam o que está errado no mundo do presente, e apontam para uma redenção que Deus traz em Cristo — e há outros mais focados na criação, na dimensão humana, nas dificuldades, alegrias e relacionamentos do dia a dia, como Provérbios e Eclesiastes.

Então a própria Bíblia tem esta tensão no retrato de um Deus que criou e ama todos os seres humanos enquanto sua criação, e que é simultaneamente um Deus redentor, que espera uma resposta da sua criação caída para receber a salvação que ele oferece em Cristo.

Então, no nosso trabalho na universidade, podemos cair para um dos dois extremos: podemos enfatizar a criação, e aí veremos tudo com um olhar positivo, vendo as pessoas como estando todas num caminho que de uma maneira ou de outra agrada a Deus (somos todos criados iguais, então estamos todos basicamente no mesmo patamar). Ou então podemos enfatizar a redenção, o que nos dá uma perspectiva mais pessimista das pessoas e dos elementos humanos, que estão caídos, e precisam de ser confrontados com isso, para o seu arrependimento e redenção (uma perspectiva que leva a uma postura de confronto e guerra cultural, em que assumimos que estamos num patamar superior).

Então como atingir o equilíbrio? Por um lado, no extremo que enfatiza demais a criação perdemos o nosso carácter distintivo como cristãos e não vemos qualquer diferença entre ter Jesus e não ter; mas se estamos no extremo que enfatiza demais a redenção tornamo-nos arrogantes, como se fossemos uma espécie de super-heróis espirituais. De que lado estamos nós afinal?

O livro de Daniel está dividido em duas partes: Daniel 1–6, que conta a história de Daniel e dos seus amigos na Babilónia, e Daniel 7–12, que fala de visões e sonhos de Daniel, ligados a profecias. A primeira parte em particular mostra-nos Daniel a estudar numa escola em que foi forçado a inscrever-se.

## 1. A escola babilônica de teologia e ciência

Daniel teve de aprender e estudar toda a cultura dos caldeus, tanto a parte realmente científica, como a parte supersticiosa e pagã, que implicava técnicas de adivinhação (exame de fígado de animais e interpretação de sonhos, por exemplo!) que os babilônios acreditavam ser necessárias para perceber e comunicar a vontade dos deuses, de que precisavam para tomar decisões políticas e militares muito importantes. Daniel teve de estudar todas estas dimensões, foi excelente nos seus estudos, e viu até o seu nome mudado para Beltechasar, um nome alusivo ao deus Baal, que Daniel, como judeu, abominava. Então Daniel serviu um império maligno e contrário a muitas das suas crenças e fê-lo com todo o empenho e dedicação.



Desenho de Adamo Scultori (Mantua, ca. 1530 – 1585)  
© Museum of Fine Artes, Budapeste

No entanto, Daniel não se esqueceu da sua fé; ele tinha uma linha na sua vida que separava a tolerância para com a cultura dos caldeus da sua convicção inabalável no Deus de Israel. Essa linha ficou clara quando ele se recusou a comer os manjares do rei, e também quando ele foi atirado na cova dos leões por não ter deixado de orar ao seu Deus quando o rei o tinha proibido.

Ou seja, por um lado Daniel respondeu aos desafios com um envolvimento profundo na cultura em que estava inserido em vez de se tornar um eremita. Por outro lado, durante todo esse envolvimento, manteve-se fiel ao seu Deus, e não negociou as suas convicções. E nós podemos fazer o mesmo no nosso contexto!

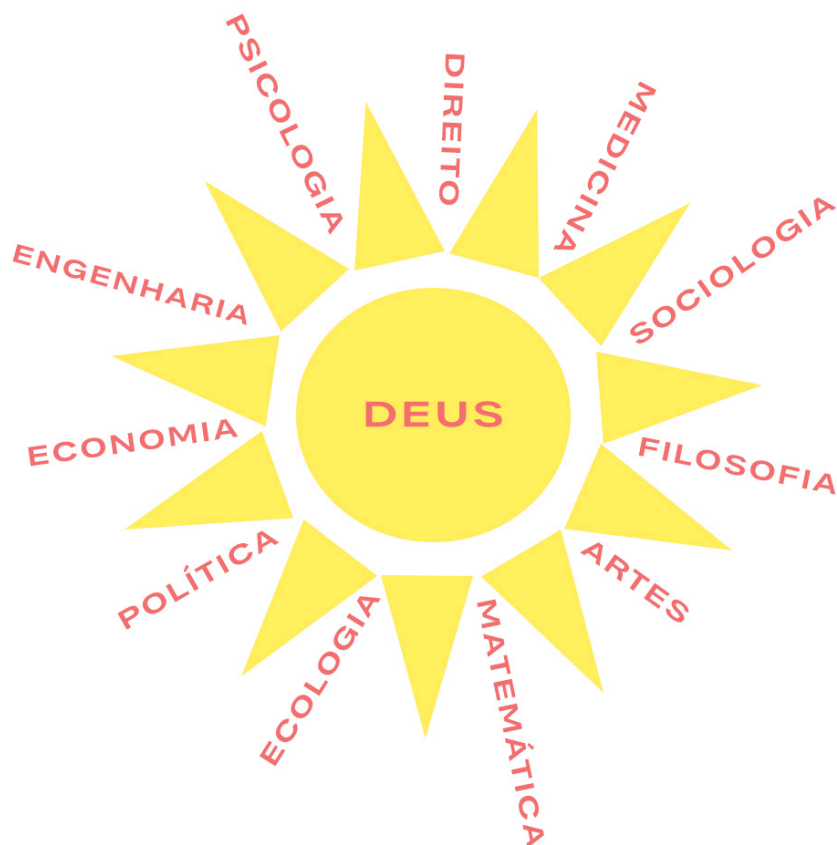
## **Podemos sentir nos em casa na universidade!**

És estudante? Estás no sítio certo! A Bíblia conta-nos que, certa vez, um doutor da lei perguntou a Jesus o que ele devia fazer, e ele respondeu com a célebre passagem que encontramos no Evangelho de Marcos (12:29–31):

*Jesus esclareceu-o: «O [mandamento] mais importante é este: Escuta, Israel! O Senhor nosso Deus é o único Senhor. Ama o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu entendimento e com todas as tuas forças. E o segundo em importância é este: Ama o teu próximo como a ti mesmo. Não há nenhum mandamento mais importante do que estes.*

Esta passagem diz-nos que temos de amar Deus com todas as dimensões do nosso ser, e também amar todas as pessoas como a nós mesmos. Mas quais são as implicações desta passagem para a nossa missão no contexto universitário? Se somos chamados para amar, precisamos de conhecer e de nos envolver com aqueles que amamos. Precisamos de pensar no que é de facto a universidade como um todo para assim podermos amar aqueles que compõem a universidade. Por exemplo: os funcionários da limpeza são pessoas na universidade. Será que eles são importantes e dignos do amor de Deus? E a universidade não são apenas pessoas, são também programas feitos por e para pessoas (como os programas de investigação) e são também ideias que influenciam pessoas, como filosofias atuais, tipo o pós-modernismo ou a ideologia de género.

Tal como Daniel e os seus amigos, nós também estamos na universidade em missão transcultural, num contexto particular com uma cultura própria, que nós temos de compreender, e com a qual temos de saber comunicar. Então devemos envolver-nos com TODA a universidade. Porque toda a realidade foi criada por Deus e será redimida por ele (Colossenses 1:18) — então ele interessa-se por toda a a realidade, todas as disciplinas académicas. “Toda a verdade é a verdade de Deus”, como disse João Calvino, e nós fomos feitos para explorar o mundo que Deus criou (como Adão, que no Jardim do Éden teve de lavrar e guardar o jardim e dar nomes aos animais; Génesis 2:20).



Podemos então encarar o estudo como um dom de Deus, uma oportunidade para explorar o mundo que Deus criou e usar o nosso conhecimento para participar na redenção que Deus está a levar a cabo em toda a realidade. Como podemos unir o nosso amor pela criação com a nossa missão de redenção em Cristo? Precisamos das Escrituras para nos dar a base da nossa ação e envolvimento na universidade — porque as Escrituras são a nossa autoridade final e a nossa regra em todos os assuntos sobre fé e conduta.

Os cristãos neste mundo são cidadãos de uma nação estranha (somos de facto peregrinos, como diz a Bíblia em I Pedro 2:11). Mas a mesma Bíblia diz-nos pela boca do profeta Jeremias que devemos desejar a paz e a prosperidade da terra em que peregrinamos (Jeremias 29:7). Estamos então nós a procurar ativamente a prosperidade da universidade, a orar pelo bem da universidade enquanto nela peregrinamos? Sabemos que a universidade não é apenas um sítio bom, é também um contexto caído — por isso a universidade precisa, além da nossa participação e envolvimento, também, e desesperadamente, das nossas orações, por todas as suas pessoas e dimensões — para que a redenção que Deus já trouxe em Cristo seja uma realidade no contexto universitário.

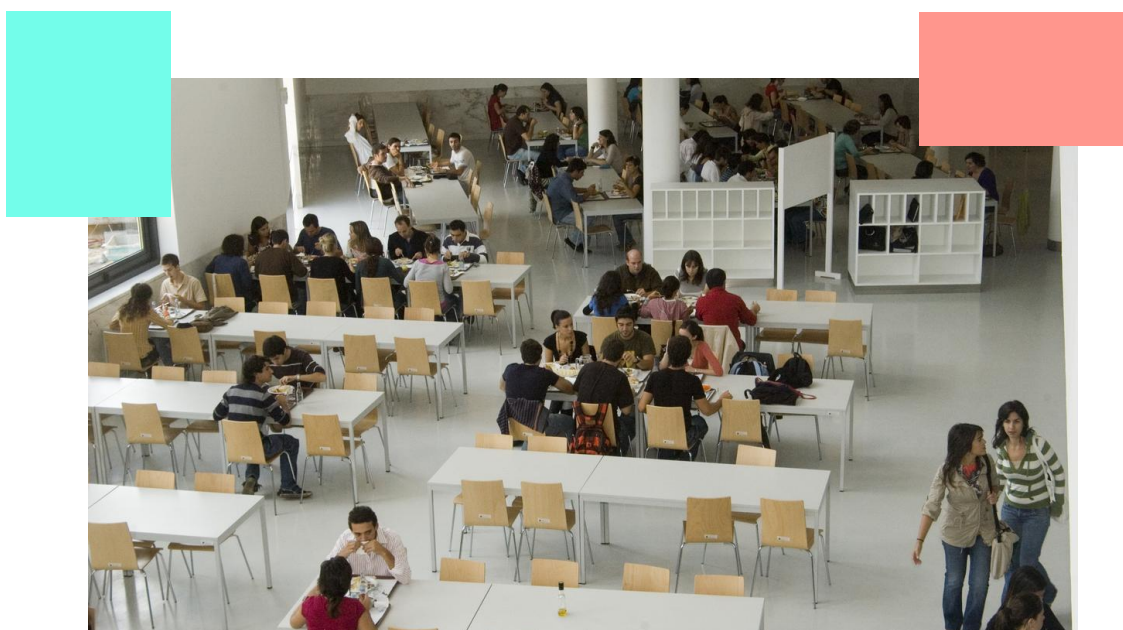
Há portanto duas perguntas cruciais que temos de fazer durante todo o nosso percursos enquanto agentes ativos na universidade:

**1) o que pensa Deus daquilo que estamos a ver/ouvir na universidade?**

Devemos não apenas partir da Bíblia para a universidade, mas também partir da universidade para a Bíblia — ter, como dizia John Stott, a Bíblia numa mão e o jornal (académico) na outra — ouvir Deus e ouvir o mundo.

**2) Como é que os meus estudos me ajudam a amar e servir Deus melhor?** Onde é que os nossos estudos se entrecruzam com a nossa fé nas dimensões da criação, queda, redenção e restauração?

Deus já está em ação nos campus universitários. A questão é se nós estamos a ouvir as perguntas das pessoas e a falar àquilo que as pessoas sentem a partir de uma perspectiva bíblica. Será que nós amamos as pessoas no nosso campus, TODAS as pessoas no nosso campus, como Jesus ordenou em Marcos 12? Se amamos, temos obrigatoriamente de nos relacionar com elas, demonstrando o nosso amor de formas práticas.



© imagem retirada do site da UC

No quadro abaixo consideramos várias dimensões ou abordagens relativamente ao envolvimento que se pode ter com a universidade (a ideia não é escolher uma das dimensões, mas trabalhá-las em conjunto, considerando o foco e as limitações de cada uma):

<b>Dimensões</b>	<b>Foco</b>	<b>Limitações</b>
Dimensão pietista	Vida interior; estudo da Bíblia e oração; comunhão entre cristãos, orientado para cristãos.	Envolvimento limitado com pessoas na faculdade; não desenvolve suficientemente a mente cristã por não relacionar a Bíblia com temas da atualidade; pouco envolvimento com grandes debates e áreas de investigação; falha em ver aspetos históricos da fé.
Dimensão evangelística	Ganhar estudantes para Cristo; cumprir a grande comissão; alcançar todo o campus; evangelismo pessoal; cruzadas evangelísticas/semanas de missão.	Pouca ligação entre seguir Jesus e o core da Universidade (currículos); os estudantes podem ser encorajados a testemunhar de uma fé acerca da qual não estão muito seguros; poucos espaços seguros para discutir dúvidas e questões complexas dentro do grupo local/movimento.
Dimensão apologética	Identifica fontes de ameaça intelectual; procura pessoas ou livros autoritativos; construir uma defesa da fé.	Pode ser defensiva e reativa; pode falhar em envolver estudantes ou académicos na área académica e de investigação; não celebra o entusiasmo das ideias e investigação
Dimensão dialógica	Leva a universidade a sério nos termos da própria universidade; vê a universidade como um chamado distintivo; envolve a mente; injeta a fé em todas as conversas na universidade.	Requer compromisso pessoal em termos de tempo (mais leituras, por exemplo); os estudantes podem perder a fé se não forem mentoriados adequadamente; requer coragem e tempo; requer bons recursos.

É importante dizer que enfatizamos aqui a dimensão dialógica porque parece ser normalmente negligenciada na tradição evangélica. A intenção não é diminuir ou retirar importância das outras dimensões, que são todas necessárias e importantes, mas tentar equilibrar as várias dimensões num todo saudável.



## **1. As observações empíricas de Eclesiastes**

No verso 3 do primeiro capítulo, o autor começa com uma pergunta de teor epistemológico: o que é que as pessoas alcançam com todo o seu esforço debaixo do sol? Estudar, trabalhar, constituir família... qual o propósito de tudo isto, qual a pertinência?

No capítulo 2, dos versículos 1 a 11, o autor conduz aquilo que por vezes se chama a “experiência da realeza”. O autor monta um cenário de alguém extremamente rico e bem sucedido, que (em consonância com a cultura do tempo) tem mulheres, concubinas, e todos os bens materiais que deseja.

Mas nos versículos 12 a 16, ele reflete sobre o valor de ser instruído e não ser um ignorante. Qual o valor de ter discernimento e crescer em sabedoria? Nos versos 13 e 14, ele diz que “a sabedoria vale mais do que a ignorância, tal como a luz vale mais que as trevas”, mas, olhando para o seu fim último, ambos têm o mesmo destino. Então o autor está a tentar racionalmente responder a algumas dúvidas existenciais profundas.

## **2. A fé de Eclesiastes**

No capítulo 3 ele reflete sobre os tempos apropriados, recorrendo a uma sabedoria acumulada, e que, em última análise, leva a Deus e em como o cosmos está estruturado por um Criador que é soberano sobre todas as coisas. No versículo 9, ele volta a colocar a mesma questão com que tinha começado: “Que resultado tira cada um dos seus próprios trabalhos e cansaças?”.

Então vemos que o autor aplica na sua análise da realidade uma racionalidade e também uma sabedoria prática que tem como base a existência de um Deus Criador que ordena todas as coisas criadas.

### 3. O problema de Eclesiastes

Mas quando atentamos para Eclesiastes, vemos que o seu autor é uma pessoa pessimista e frustrada — vemos isso claramente no capítulo 2, dos versículos 20 ao 26, em que ele fala da grande desilusão e vaidade que é a vida na terra, e no capítulo 9 mantém a toada, falando do pior dos males deste mundo: que todos têm o mesmo fim.

Ora, na universidade, normalmente encontramos este tipo de postura perante a vida, muito por causa da liberdade de pensamento que é dada às pessoas — que felizmente existe, mas que sem uma base transcendente para uma visão esperançada e otimista da vida, acaba por deixar poucas opções além de caminhos de desespero existencial, como o de Eclesiastes. Na universidade não se leva em conta a terceira opção que o autor apresenta, e que vamos ver a seguir.



Anton Chigurh é uma personagem niilista interpretada por Javier Bardem no filme *Este País Não é para Velhos*

### 4. A solução de Eclesiastes

No final do livro, o autor apresenta uma terceira via, que supera toda a negatividade existencial (que não deixa de ser real). Ele não se torna um niilista que rejeita todo o sentido e propósito da vida; ele consegue ver o mistério do mundo à luz de uma fé viva num Deus que tem tudo debaixo da sua soberania, e em quem podemos confiar — e agir baseados nisso, com sabedoria. Mantém assim em tensão a sua fé na bondade de Deus e a sua incapacidade em controlar a vida e as suas circunstâncias.

### 5. Eclesiastes, o meu professor

No penúltimo capítulo, o 11, dirige-se nos versos 9 e 10 a um jovem (filho ou estudante) a quem quer transmitir a sua sabedoria, e uma visão equilibrada do mundo, com fé em Deus, e noção dos mistérios da existência. Eclesiastes

é então um modelo para nós, um exemplo de envolvimento com o mundo em geral, e com a universidade em particular. O nosso objetivo, como Eclesiastes, é também viver na tensão entre, por um lado, reconhecer toda a dureza e aridez existencial de um mundo caído, e por outro lado, saber que há um Deus, e que o desespero não terá a última palavra.

Podemos terminar com uma definição de envolvimento da universidade: envolvermo-nos com a universidade é um estilo de vida **encarnacional** e **missional** no qual os estudantes e outros agentes na universidade aprendem a pensar **biblicamente** sobre **todas as áreas** da universidade. Isto inclui **ensino, investigação, discussões** específicas de diferentes disciplinas académicas, e **reflexões** sobre as grandes questões com que as pessoas se debatem na universidade.

Significa que, não negligenciando toda a importância que deve ter o evangelismo, a apologética, e a piedade pessoal, é fundamental ter em atenção esta dimensão encarnacional e missional, e viver a nossa vida integralmente, **sendo** sal e luz de uma forma bíblica, e em todas as esferas em que estamos envolvidos, particularmente a universidade. Para aqueles que nela vivem e se movem, e que são chamados para aí cumprir a sua vocação dada por Deus.

---

Este recurso é resultado da edição de notas de um seminário em duas partes que teve como título “Engaging the university”. Foi ministrado na Conferência Revive, em dezembro de 2019 por **Timothée Joset** e **Charlie Hadjev**, e as notas traduzidas e publicadas em 2020 no então blogue do GBU Por Linhas Tortas com a autorização destes por **Joel Oliveira**. Volta a ser (muito ligeiramente) editado e disponibilizado em 2025, no âmbito do Plano de Formação do GBU.